

## EDUCAÇÃO NO MOVIMENTO HIP HOP SALVADOR – DAQUELE JEITO!<sup>1</sup>

Ana Paula Conceição Oliveira<sup>2</sup>

**Resumo:** *O presente artigo destaca as contribuições do Movimento Hip Hop Salvador para a educação. O estudo se ocupa dos aspectos formativo-educacionais e transformadores que compõem as realidades da juventude negra e, na perspectiva de elucidar tais aspectos, aproveitou da experiência pedagógica no Projeto Quadro Negro. Conclui-se que a Pedagogia possui papel importante na perspectiva de ampliar o compromisso de educadoras e educadores em mudar o sistema educativo vigente e reorganizar a escola, desenvolvendo o olhar sobre as possíveis contribuições da educação não-formal e informal para a educação formal, promovendo, assim, um diálogo entre essas educações.*

**Palavras-chave:** Educação; Movimento Hip Hop.

### INTRODUÇÃO

O hip hop é um fenômeno mundial que vem ocupando, a cada ano, mais espaço na mídia e na expressão das juventudes. Com a sua origem ainda contestada, o hip hop ocupa pelo menos duas dimensões: Movimento Hip Hop e Cultura Hip Hop. Aproximando a dimensão de Movimento para a Universidade e curso de Pedagogia, tecerei algumas idéias sobre como a educação é marca registrada nas ações do Movimento Hip Hop Salvador e como este potencial pedagógico pode ser aproveitado pelos espaços formais de educação. Este trabalho tem por objetivo realizar o levantamento bibliográfico de material existente sobre hip hop e identificar em quais destes materiais estão informações ou construções que relacionem hip hop com educação. Para realizar tal feito opto pela pesquisa de cunho exploratória com delineamento de pesquisa bibliográfica. Segundo Gil (2006, p.41), uma pesquisa exploratória tem como objetivo proporcionar mais familiaridade com o problema, com vista a torná-lo mais explícito, promovendo o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições. Para Minayo (1999, p. 88), a pesquisa exploratória compreende a etapa de escolha do tópico de investigação, de delimitação do problema, de definição do objeto e dos objetivos, de construção do marco teórico conceitual, entre outros.

Este artigo é mais um convite a conhecer um pouco do Movimento Hip Hop, especialmente em Salvador, ou para aquelas pessoas que já conhecem convidado a revisitar, porque por aqui passaremos pela breve definição de Movimentos Sociais, para perceber em seguida particularidades que aponto entre Movimento Hip Hop e Cultura Hip Hop, sem isolá-los entre si, e avançar para o debate acerca da educação no movimento Hip hop Salvador.

### MOVIMENTO E CULTURA – SE SEGURA

Por crer que o hip hop participa também da categoria de movimentos sociais é que adentrei em investigação que me fizesse sustentar esta percepção. Gohn (2005) e Andrade (1996) tiveram expressiva importância neste itinerário. Inicialmente, Gohn (2005, p. 85) considerou o hip hop

---

<sup>1</sup> Este artigo é baseado na monografia de graduação *Movimento Hip Hop: Educação em quatro elementos*, defendida em julho de 2007 na Universidade Federal da Bahia (UFBA), sob orientação do Prof. Dr. César Augusto Rios Leiro. Compuseram a banca o Prof. Dr. Silvio Roberto, Prof<sup>ª</sup> Ms. Rita Dias e Prof. Nelson Golçalves (Maca), pelos quais sou grata por todas as indicações e orientações.

<sup>2</sup> Ana Paula Conceição Oliveira – graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).

quanto movimento; quando a mesma realiza o mapeamento dos Movimentos Sociais na atualidade, o hip hop aparece contido no eixo temático: Movimentos pela educação, na área da educação não-formal, como movimentos culturais de jovens especialmente na área da música. Andrade (1996) fortalece o juízo que faz do Movimento Hip Hop integrante da categoria movimentos sociais, e, por conseguinte, apreende o seu caráter educativo apontando que o sentido educativo nos movimentos sociais está intrinsecamente relacionado à questão da cidadania. Parto do princípio que as palavras cultura e movimento são carregadas de significados, haja vista a quantidade de denominações e concepções que poderia trazer para compor este trabalho.

Movimento é comumente utilizado para apontar certo agrupamento de pessoas que estão unidas em torno de uma luta com comprometimento. Aspecto relevante observado a respeito dos movimentos sociais é que, nos movimentos, as práticas cotidianas e as relações sociais são muito valorizadas. Procura-se pensar para além de um processo individual e engessado de aprendizagem, mas num processo que formula a politização dos seus/suas participantes. Estimula-se o desenvolvimento da consciência individual, mas preza-se pela elaboração da consciência coletiva. As práticas reivindicatórias não indicam apenas mudanças e necessidades de mudanças, segundo Gohn (2005), as práticas reorientam as políticas e os governantes em busca de legitimidade.

Diante da complexidade existente no debate atual em torno do conceito de cultura, trago como denominação que preciso para aproximar ao hip hop “o modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos e mesmo as posturas corporais, esse todo fazendo parte e interagindo como produtos de uma herança cultural, ou seja, resultado da operação de uma determinada cultura” (LARAIA, 2005, p. 68). E a cultura que opera no hip hop é de base contra-hegemônica e de caráter popular, haja vista os posicionamentos de alguns hip hoppers, como o rapper Mano Brown<sup>3</sup> quando, em entrevista a uma revista corrente, ele explica a sua resistência a aparecer na grande mídia televisiva<sup>4</sup>, como segue:

Acho que nós estamos começando a ganhar uma batalha pequena de uma guerra de gigante. Quando você começa a sair fora do sistema que os caras colocaram você, o controle remoto, tudo tá no domínio dos caras, da televisão, eles tem domínio sobre tudo, tudo que está acontecendo no mundo da música, tá ligado? (CAROS AMIGOS, vol. Especial, nº3).

Não é só o rap que está envolvido nessa batalha contra-hegemônica, os outros elementos também compartilham desta indignação. O olhar contra-hegemônico está no graffiti que desafia o ambiente urbano dilacerado pelas perturbações sociais, para colorir com críticas o espaço, levando o transeunte a refletir seu cotidiano. Para integrar os demais elementos temos o break, como uma prática de dança de rua que pode ser reinventada a qualquer momento por suas/ seus dançarinas/os, e por isso suas mensagens através da dança podem ser das diversas realidades. E os Dj's que preparam os toca-discos com as músicas que julgarem de maior importância para os momentos mais específicos, porém não esquecem das mensagens de conscientização e auto-estima para as pessoas negras que estiverem presentes em seus bailes. Resumindo, para o Hip Hop a Cultura está tão ligada ao aspecto artístico quanto o Movimento está para o campo das lutas. Ambos não precisam estar em campos distintos a todo o momento, e uma dimensão não invalida a outra, mas existem especificidades que evidenciam as diferenças entre o uso das

<sup>3</sup> Vocalista e letrista do até então mais famoso grupo de Rap brasileiro, o Racionais MC's.

<sup>4</sup> Grande mídia aqui em destaque significa programas televisivos como Faustão ou Gugu.

terminologias postas, e então Miranda (2006, p. 49) contribui trazendo que, a Cultura é de livre acesso a todos, os Movimentos atendem a necessidades de um público distinto. A **cultura** produz artistas, o **movimento** potencializa arte-educadoras e arte-educadores.

## VIXE! HIP HOP EM SALVADOR

O termo hip hop foi criado pelo Dj Lovebug Starski<sup>5</sup> e popularizado pelo DJ Afrika Bambaataa no ano de 1968 (ROCHA; DOMENICH; CASSEANO, 2001, p. 17 e 18). Foi nos subúrbios de Nova York que uma união entre o balancear das ancas (hip) e o salto (hop) movimentou comunidades afro americanas de forma cultural e fomentou a militância racial. O Movimento Hip-Hop surgiu no Brasil no começo dos anos 80 (poucos anos depois de seu surgimento, nos Estados Unidos), mais notadamente em São Paulo. Chegou através das equipes que faziam os bailes soul<sup>6</sup> e dos discos e revistas que começaram a ser vendidos em lojas nas galerias da Rua 24 de Maio, no Centro de São Paulo. Os primeiros a aparecer foram os dançarinos de break que, segundo Alves (2004, p. 11) “chegou pelas mãos das classes mais abastadas, que viajavam aos estados Unidos, aprendiam a dança e utilizavam seus passos nas pistas de casas noturnas badaladas do Brasil”.

O hip hop ganha força em Salvador como movimento organizado em 1996. Articulado em posses, e costumeiramente em grupos de rap, break, graffiti diversos, o movimento hip hop costuma oferecer oficinas para jovens nas comunidades periféricas e subúrbio de Salvador, e os temas das oficinas variam de acordo com a realidade de cada lugar. Geralmente são construídos produtos midiáticos, como fanzines, programas de rádio ou letras de rap que contribuem para a divulgação do movimento de Salvador. Contier (2002) analisa o estado da arte do movimento na cidade:

Em Salvador, a infra-estrutura é frágil – os *shows* acontecem em praças e nas escolas – e faltam equipamentos para os DJs e informação sobre o rap de outros estados. Mas o movimento vem crescendo e hoje se ouve o *freestyle* – rima de improviso – na saída das escolas, nos intervalos de aulas e até em pontos de ônibus. A batida costuma misturar elementos da cultura negra, é o *hip-hop* afro, como faz o grupo Quilombo Vivo, de Amaralina, em Salvador, que mistura capoeira e candomblé em suas músicas. Outros grupos representativos são: Fúria Consciente, Quilombahia, DGS, Simples Rap’ortagem, Juri Racional, Lica, Os Agentes, Anjos da Rima e Jr-junior<sup>7</sup>.

A força atribuída à resistência do Movimento Hip Hop Salvador está nos Encontros Estaduais e Nordestinos que o movimento realiza ou tem participado, além de encontros de Gênero realizados também com a iniciativa do Núcleo de Mulheres da **Rede Aiyê Hip Hop**, e mais Bailes Blacks produzidos pelo **Blackitude**, Seminários e Shows Comunitários, como o “Hip hop na Onça” suscitados pelo **Repensando Sussuarana**, e oficinas afro-diaspóricas no

<sup>5</sup> Ver informação no site [www.zulunation.com](http://www.zulunation.com).

<sup>6</sup> Tipo de música negra americana que se originou no início dos anos 1950 a partir da fusão do *rhythm and blues* e da música *gospel*, e cujas principais características são o fervor dos coros e a improvisação.

<sup>7</sup>CONTIER, Júlia. De Norte a Sul - Um estilo quase musical que serve de veículo a textos em geral libertários e de protesto. 2002.

[http://www.eja.org.br/cadernosdeejaja/juventudeetrabalho/jt\\_txt10.php?acao3\\_cod0=e5041224a79a9f10e9b0fe7a4d1c40ab](http://www.eja.org.br/cadernosdeejaja/juventudeetrabalho/jt_txt10.php?acao3_cod0=e5041224a79a9f10e9b0fe7a4d1c40ab) Acesso em 27/06/2007.

ambiente dos Terreiros de Candomblé promovidas pelo **Hiphopcomcompromisso**. Estes são os *segmentos*<sup>8</sup> que vêm dando corpo ao movimento na cidade atualmente.

## SEM PERDER A RIMA

Ao traçar um paralelo com os quatro elementos do hip hop (rap, break, graffitti e dj), entendo que a educação perpassa pelos elementos indistintamente. O quinto elemento, o conhecimento, potencializa as ações do Movimento, dá maior significação quanto a atuação política e social, reelaborando as práticas e estratégias para envolver mais e mais pessoas na teia educativa e cultural gerada pelo hip hop.

O hip hop atua no campo da educação, com a sua identidade específica, porque abrange nela o seu caráter libertador e promissor. A educação é inerente ao hip hop e aos Movimentos Sociais diversos:

No movimento social encontramos duas caracterizações relevantes; tratam-se da prática contestatória e do processo de conscientização dos atores. Estes dois aspectos propiciam a articulação de organizações coletivas em que os atores envolvidos na organização se submetem ou estão sujeitos a um mecanismo de aprendizagem (Andrade, 1996, p. 89).

Numa perspectiva de educação não-formal e informal entendo que há diversas maneiras de processar a educação no movimento. A mais evidente está no trabalho de constante alinhamento da arte com a educação presente nos elementos do hip hop. É um processo educativo que está fundando nos conhecimentos sensíveis, considerando a condição existencial concreta do educando, ao ponto que para praticar o que é pedido por cada elemento do hip hop, é preciso se ter muita criatividade, autoliberação, espontaneidade e identificação. O Movimento Hip Hop em Salvador, desde o surgimento até os dias atuais, vem demonstrando certa tomada de consciência sobre seu caráter educativo. Seja em seminários organizados à evidência do poder de mobilizar que está contido nos segmentos e posses<sup>9</sup>.

A consciência gerada no processo de participação num movimento social leva ao conhecimento e o reconhecimento das condições de vida de parcelas da população, no presente e no passado. Os encontros e seminários contribuem para a formação desta visão que historiciza os problemas. Este conhecimento leva à identificação de uma dimensão importante no cotidiano das pessoas, a do ambiente construído, do espaço gerado e apropriado pelas classes sociais na luta cotidiana (Gohn, 2005, p. 20).

---

<sup>8</sup> É necessário fazer uma pequena ligação entre eles na tentativa de que se compreenda o contexto de Movimento Hip Hop em Salvador. A chegada do hip hop organizado como Movimento configura, no início e preponderantemente, a presença de posses (organizações juvenis que se reuniam no intuito de também colaborar com a resolução dos problemas comunitários), com a evolução do movimento em Salvador, a idéia de posses tende a desaparecer, dando lugar a chegada dos segmentos (são articulações maiores realizada por jovens e pessoas adultas com a visão mais amadurecida sobre as práticas com o Movimento.)

<sup>9</sup> As posses são associações locais de grupos de jovens rappers que têm como objetivo reelaborar a realidade conflitiva das ruas nos termos da cultura e do lazer (Essa informação, encontrada em Rocha; Domenich; Casseano, 2005, é do sociólogo José Carlos Gomes da Silva, 1998). Reúnem grupos dos quatro elementos para aperfeiçoamento artístico e divulgação do Movimento e da Cultura Hip Hop.

Marca que confirma tal comportamento é a busca pela atualização das informações contidas nos quatro elementos aqui tratados. Existe nestes elementos uma preocupação de informar com a qualidade devida, fazendo com que cada palavra dita, cada gesto quebrado, cada parede pintada e disco riscado ofereçam às pessoas oportunidade de pensar educação fazendo.

## **MANDANDO FECHADO – O APORTE DA PEDAGOGIA**

A realização de oficinas pedagógicas de Rap, Break, Graffiti e Dj em comunidade são atividades comumente oferecidas pelo Movimento Hip Hop<sup>10</sup>. Contudo, em Salvador o movimento busca intervenção direta nas escolas, como exemplo o Projeto Quadro Negro<sup>11</sup>. O Movimento Hip Hop Salvador se ocupa desta atuação, mas como a Pedagogia pode contribuir com o Movimento Hip Hop?

A Pedagogia cumpriu, no Projeto Quadro Negro, o papel de organizar e intermediar os processos educativos constantes, além de oferecer suporte para a execução das oficinas, através da preocupação na elaboração dos instrumentos avaliativos e didáticos, e da pré- formação dos/das arte-educadores/arte-educadoras.

Quando pensei em hip hop, associei as suas práticas educativas à modalidade não-formal da educação, então recorri à Gohn (2005), que define:

A educação não-formal designa um processo com quatro campos ou dimensões, que correspondem a suas áreas de abrangências. O primeiro envolve aprendizagens políticas dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos (p. 98).

A educação não-formal pode ser desenvolvida em diversos espaços: associações de bairro, organizações que coordenam movimentos sociais, partidos políticos, e até mesmo nas escolas, integrando os momentos de interação da escola com a comunidade. Foram desses espaços alternativos na escola que o Projeto Quadro Negro se aproveitou para realizar a sua proposta, criando novos conhecimentos e aguçando a criatividade dos/das jovens inscritos nas oficinas. Partindo desta experiência com o Movimento Hip Hop, descubro que os procedimentos metodológicos utilizados nesta modalidade de educação carecem de produções escritas, estes estão organizados ao redor da fala, que é emitida por causa de uma dada emoção vivenciada.

São falas que estiveram caladas e passaram a se expressar por algum motivo impulsionador (carência econômica, direito individual ou coletivo usurpado ou negado, projeto de mudança, demanda não atendida). Ao se expressar, os atores/sujeitos dos processos de aprendizagem articulam o universo de saberes disponíveis, passados e presentes, no esforço de pensar /elaborar/reelaborar sobre a realidade em que vivem (GOHN, 2005, p. 106).

A educação não-formal, ora confunde-se com a educação informal, ora não consegue ter visibilidade na educação formal. Em busca de distinguir as educações não-formal e informal, novamente recorri a Gohn (2005), que por fim deixa patente:

---

<sup>10</sup> Como meio de exemplificar, sugiro consultar as obras de Andrade (1999), Souza; Fialho e Araldi (2005); Rocha; Domenich e Casseano (2001).

<sup>11</sup> O Projeto Quadro Negro equivaleu a ação em parceria com seis escolas públicas estaduais em Salvador e a Pró – Reitoria de Extensão da UFBA, onde levou-se oficinas de rap, break, graffiti e dj no intuito de discutir com o alunado e professorado as Políticas de Ações Afirmativas. Ver maiores informações em Oliveira (2007).

O que diferencia essas educações uma da outra é que a primeira existe a intenção de criar ou buscar determinadas qualidades e/ou objetivos. Na educação informal emana dos processos espontâneos e naturais, ainda que seja carregada de valores e representações, como é o caso da educação familiar ( p. 100).

Ocupa um lugar polêmico na atualidade o papel da educação formal, de onde muitas críticas foram tecidas em torno desta modalidade educacional. A escola e a universidade não têm dado conta da formação vital que se aproxima da nossa afirmação cidadã no mundo. Entenda-se com “afirmação cidadã” um termo que está diretamente implicado com as discussões sobre autonomia proporcionadas por Gadotti (2004) e constantemente por Freire. E é nesse aspecto que Gadotti (2004) constrói as suas considerações sobre a escola cidadã<sup>12</sup>. Para o autor, discutir autonomia da escola é “discutir a própria natureza da educação”, associa que o debate da autonomia vem adjunto com a crítica ao papel do Estado; e diz que o grande desafio da escola pública está em garantir um padrão de qualidade (para todos), e ao mesmo tempo, respeitar a diversidade local. “A escola deve ser o centro da vida social, e não um serviço administrativo, ‘odiada’ por muitos de seus alunos, que se sentem livres apenas quando estão fora dela” (GOHN, 2005, p. 109). Por isso as práticas da educação não-formal e informal de educação atraem muito mais a juventude, instigando a sua participação criativa.

Todas e todos nós pedagogas e pedagogos precisamos estar atentos às necessidades atuais da educação, e partir da abrangência composta nas educações aqui discutidas, tentar perceber o elo de ligação entre as partes e gerar a interação possível.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entender como se dão os processos de educação no Movimento Hip Hop Salvador ainda integra grande desafio. O tema proposto é novo e encontra-se em vias de desenvolvimento na escrita. O primeiro passo, ao menos neste momento, foi dado por mim, à medida que optei por redigir um trabalho monográfico que renderão outros achados acerca desta e de outras relações do Movimento Hip Hop. As educações não-formal, informal e formal estão aliadas e são prepositivas no Movimento Hip Hop Salvador. O campo da Pedagogia deve atentar-se melhor para esta inter-relação, investindo assim na formação, cada vez mais atual, das pedagogas e dos pedagogos que emergem das universidades.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Elaine Nunes de (Org). **Rap e educação. Rap é educação.** São Paulo: Summus, 1999.

\_\_\_\_\_. **Movimento Negro Juvenil: um estudo de caso sobre jovens rappers de São Bernardo do Campo.** 1996. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo.

---

<sup>12</sup> A expressão “escola cidadã” foi tomada de empréstimo por Gadotti(2004) de Genuíno Bordignon, um dos escritores do livro “A escola cidadã: uma utopia municipalista” da editora Cortez, 1989. Com isto Gadotti (2004) defende a escola pública autônoma, sinônimo de escola pública popular.

CONTIER, Júlia. **De Norte a Sul** - Um estilo quase musical que serve de veículo a textos em geral libertários e de protesto. 2002.

[http://www.eja.org.br/cadernosdeaja/juventudeetrabalho/jt\\_txt10.php?acao3\\_cod0=e5041224a79a9f10e9b0fe7a4d1c40ab](http://www.eja.org.br/cadernosdeaja/juventudeetrabalho/jt_txt10.php?acao3_cod0=e5041224a79a9f10e9b0fe7a4d1c40ab) Acesso em 27/06/2007.

GADOTTI, Moacir. **Escola cidadã** – Aula sobre autonomia. São Paulo: Cortez, 2004.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2006.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais e educação**. São Paulo: Cortez, 2005.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2006.

MIRANDA, Jorge Hilton de Assis. **Relação de Mercado e Trabalho Social no Hip hop**. Caderno do CEAS n° 223 julho/setembro 2006 pag. 47-58.

ROCHA, Janaina; DOMENICH, Mirella; CASSEANO, Patrícia. **Hip hop: a periferia grita**. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2001.

SOUZA, Jusamara; FIALHO, Vânia Malagutti; ARALDI, Juciane. **Hip hop: da rua para a escola**. Porto Alegre: Sulina, 2005.